



# Sessão Técnica Florestal dá enfoque à inovação para potencializar a silvicultura brasileira

O presidente do ABTCP 2013 – 46.º Congresso e Exposição Internacional de Celulose e Papel, Celso Foelkel, abriu a Sessão Técnica Florestal, realizada ao longo do segundo dia do evento, associando seu discurso ao tema magno do evento: a ecoeficiência e as tecnologias limpas aplicadas na indústria de celulose e papel. Segundo ele, ser ecoeficiente significa produzir mais e melhor – inclusive florestas – com maior qualidade, menor consumo de insumos e mínimo desperdício. “Uma gestão ecoeficiente busca, por meio da inovação, a constante redução de perdas, as quais geralmente representam aumento de custos e poluição a ser tratada”, definiu ele, lembrando que as oportunidades de melhorias são contínuas.

A economia dos recursos usados no processo fabril reflete-se positivamente nos resultados financeiros da empresa. “Todo centavo economizado nas operações vira um grande número na base anual, devido à escala de produção”, pontuou Foelkel.

Luiz E. G. Barrichelo, diretor executivo do Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (Ipef), evidenciou que a eficiência de todas as etapas fabris e a qualidade do produto final começam num único lugar: a floresta. “Por isso a integração entre floresta e indústria, representadas por associações como a ABTCP e o Ipef, por exemplo, é tão importante.”

Os avanços vistos na área florestal ao longo dos últimos anos mostram que os players da indústria de celulose e papel têm plena consciência do potencial das florestas plantadas. Na verdade, eles souberam aprimorar tal qualidade. A criação do eucalipto brasileiro é um excelente exemplo, conforme contou Fernando Bertolucci, gerente geral de Tecnologia da Fibria. “Trabalhos realizados por empresas e instituições de pesquisa e ensino geraram materiais genéticos espetaculares em crescimento, qualidade e tolerância às principais pragas e doenças, adaptados às condições brasileiras”, detalhou.

Aguinaldo José de Souza, gerente executivo de Tecnologia Florestal da Suzano, revelou que o grupo soma hoje 825 mil hectares e uma área plantada de 440 mil hectares espalhados pelos Estados do Maranhão, Piauí, Bahia e São Paulo. “Anos de pesquisa e desenvolvimento em melhoramento genético permitiram a expansão do plantio em diferentes Estados, com características tão distintas.”

Além da qualidade das florestas em si, Bertolucci elogiou o modelo de uso da terra adotado pelo setor, que mescla florestas plantadas com nativas preservadas, o que resulta em uma série de benefícios ao meio ambiente e à sociedade. Souza fortaleceu a opinião do colega, comentando que, hoje em dia, um gestor da área florestal tem de estar atento à produtividade, ao aproveitamento da área e à sua respectiva proteção, considerando o tripé da sustentabilidade. “A visão simplista de que basta apenas produzir madeira não existe mais”, enfatizou.

Por Caroline Martin  
Especial para O Papel



“Uma gestão ecoeficiente busca a melhor utilização de insumos produtivos, que nada mais são do que recursos da natureza”, definiu Foelkel, lembrando que as oportunidades de melhorias são contínuas



**Barrichelo: a eficiência de todas as etapas fabris e a qualidade do produto final começam na floresta**



### Avanços, avanços... desafios à parte

Embora os incrementos tecnológicos e o melhoramento genético advindos das pesquisas florestais tenham trazido significativas vantagens competitivas à indústria brasileira, alguns desafios ameaçam a posição já conquistada. Os custos crescentes do Brasil, incluindo os relacionados à terra, mão de obra, infraestrutura e insumos, são os primeiros a puxar os níveis de competitividade para baixo.

**Bertolucci enfatizou que trabalhos realizados por empresas e instituições de pesquisa e ensino geraram materiais genéticos espetaculares, adaptados às condições brasileiras**

Entraves práticos também aparecem no dia a dia operacional, conforme lembrou o gerente executivo de Tecnologia Florestal da Suzano. "Não adianta querer transferir a tecnologia de um lugar para outro sem o histórico de pesquisa daquele local. Dentro da indústria

de celulose e papel, as melhorias contínuas e a inovação devem estar presentes tanto na fase de projetos quanto na de processos. Por isso, dentro de uma empresa, a área de tecnologia deve ter interação com outras, como a de engenharia de processo, a socioambiental, a de produtividade e a de biotecnologia. Essa integração é o caminho que leva à diferenciação, tão importante como vantagem competitiva."

Já a Eldorado Brasil tinha como desafio plantar uma quantidade suficiente de hectares para o início das atividades da planta de capacidade produtiva anual de 1,5 milhão de toneladas, em dezembro último. Hoje, a empresa ainda conta com madeira de terceiros, vinda dos Estados do Mato Grosso do Sul e São Paulo. "A partir de 2017, seremos autossuficientes na produção de madeira, com um total de 350 mil hectares plantados", previu Germano Aguiar Vieira, diretor florestal da empresa, estimando uma produção de 4 milhões de toneladas de celulose com a instalação da segunda linha no final de 2017.

O acirramento da competição global também chama a atenção dos representantes do negócio florestal brasileiro, ao lado de pressões cada vez maiores por um desenvolvimento sustentável, das margens comprimidas e de uma logística complexa. "A junção desses fatores nos tira da zona de conforto e nos faz buscar outros progressos", completou Bertolucci sobre a necessidade de avanços contínuos.

Na visão do professor Jacques Marcovitch, do Departamento de Administração da FEA/USP, deve-se considerar, na busca da manutenção da competitividade, as tendências mundiais e os desafios regionais que envolvem o Brasil. Ele também defendeu que, além da visão de longo prazo que o setor já tem, é preciso desenvolver uma cultura para prevenir a inação. "A questão central deve ser a seguinte: o que acontecerá se nada for feito?", levantou ele, alertando os participantes. Ele comentou que "países posicionados entre os primeiros colocados no ranking mundial de competitividade têm essa sensibilidade de avaliar os riscos que correm se não se atualizarem nem acompanharem os avanços de um mundo em transição".

Outra percepção bastante aguçada, comum a países como Suíça, Suécia, Finlândia e Alemanha, diz respeito à essencialidade da educação. "Hoje em dia, países que não investem em educação – incluindo a atração de talentos de outras nações – estão fadados ao fracasso", constatou o professor da FEA/USP. Para ele, mais uma boa aposta seria levar jovens estudan-





tes para o exterior, a fim de coletar bons exemplos aplicados em outros países e trazer os conceitos de volta ao ambiente brasileiro. “Os construtores do futuro serão empresas com elevada resiliência aos riscos econômicos, geopolíticos, tecnológicos e ambientais”, concluiu, ressaltando a importância do combate à inação em diferentes frentes.

O professor Ruy de Quadros Carvalho, do Departamento de Política Científica e Tecnológica do IG/Unicamp, também acredita que os investimentos em educação levarão à retomada, à manutenção e ao aumento da competitividade da indústria brasileira. Ele enfatizou que as parcerias entre indústria e universidade só trazem vantagens neste contexto. “Os esforços em Pesquisa e Desenvolvimento ainda precisam ser ampliados no Brasil e encarados de forma mais agressiva. O País é responsável por apenas 2,5% da produção científica mundial. Além de planejamento tecnológico, seria válido estreitar a relação e incentivar a cooperação mútua entre companhias e institutos de ensino.”

A respeito das parcerias de estudos, Foelkel lamentou a insuficiência de universidades brasileiras aptas ao incremento em pesquisas florestais em parceria com setores produtivos, o que parece se agravar a cada ano. Segundo ele, aquelas que têm experiência necessária na área já demonstram estar saturadas com a atual demanda do mercado, dificultando ampliar a interação entre players e instituições de ensino.

Por parte dos players, Bertolucci salientou que a inovação tecnológica deve estar no eixo do negócio, para o fortalecimento das vantagens competitivas existentes. Na Fibria, a atenção nesse aspecto inicia-se na gestão. “Acreditamos que a gestão da inovação tecnológica competitiva envolve quatro elementos essenciais: alinhamento estratégico, processo de execução, recursos para inovação e governança do processo de gestão da inovação.”

Falando sobre a experiência da International Paper, Luís Fernando Silva, gerente geral florestal, elencou alguns desafios organizacionais comuns na tentativa de aliar excelência operacional a inovação dentro da realidade das empresas. Entre tais desafios, está a disseminação da cultura de melhoria contínua de processos, a implementação de inovações capazes de reposicionar processos e a adoção de uma nova estrutura na organização capaz de suportar este modelo.



“Anos de pesquisa e desenvolvimento em melhoramento genético permitiram a expansão do plantio em diferentes Estados, com características tão distintas”, contextualizou Souza

## O futuro que se espera

Ao final da troca de informações sobre os avanços e os desafios que envolvem o setor florestal, parecia consenso que se passa por um momento de transição, não somente no que tange às tecnologias, mas também aos modelos de negócio. Foelkel frisou que a inovação em produtos, que sempre foi exercida com certa moderação pelo setor, passa a ser vital para que o desenvolvimento ocorra em rumos ainda pouco claros em termos de mercado e de orientações aos consumidores.

A implantação de plataformas multinegócios, como as biorrefinarias, tem caminhado a passos largos a partir dos avanços das pesquisas. O presidente do ABTCP 2013 ponderou, no entanto, que, “se não houver compromissos sérios com os desenvolvimentos empresarial e tecnológico com foco na sustentabilidade, eventualmente pode-se contaminar todo o enorme esforço que o setor de base florestal tem feito nessas últimas décadas para a conquista de uma imagem positiva por suas atuações socioambientais”, sugerindo uma boa reflexão sobre o futuro. Para ele, as inovações em tecnologias e processos são peças fundamentais para essa mudança de patamar dos negócios florestais. “Antes de tudo, porém, há de se inovarem as pessoas para isso ser cada vez mais ecoeficiente e sustentável.” ■